



OS RATOS DA INQUISIÇÃO

I



ESTA casa, em seus contractos,
me paga em má qualidade;
não *rata* por quantidade,
mas por quantidade ratos;
estes me dão tão ruins tratos,
que me comem queijo e pão,
doces, fructa da ração;
e respondem, muito in-tei-ros,
— pois que são meus companheiros,
hão de em tudo ter quinhão.

Que tendes rasão, lhes digo;
porém dissei-me em que toca
estar sempre a minha boca
posta comvosco em perigo?
O vosso dente inimigo
da canastra vai ao centro,
e não me deixa coentro!
E elles respondem: — embora
que, se a vós serve de fóra,
a nós nos serve de dentro.

Já que por fóra me serve,
porque m'a pondês de lodo?
não m'a destruais de todo,
o menos se me reserve.
Deixai-m'a! assim se conserve
vossa vida de maneira,
que não vos faça gateira
gato murador e forte,
nem resalgar vos dê morte,
nem caiais em ratoeira.

E, se vos serve uma vez,
dizei, porque tantas vezes
fazeis roupa de francezes
a de um triste portuguez?
que mal a pobre vos fez,
pois em nada vos offende?
e, se ella não se defende,
maltratal-a é tyrannia,
e vai pouca valentia
no dar morte a quem se rende.

Quando d'ella façais ninho,
tomai só os guardanapos,
que já tendes feito trapos
com vosso dente damnhinho.
Doei-vos d'este mesquinho,
e d'essa roupa coitada,
que ella já por acabada,
e eu já por acabado,
eis-me aqui ruço-rodado,
e ella faça remendada.

Mas inda que roupa tal
já tantos remendos tem,
que mais n'ella importar vem
as custas que o principal,
ainda é tão pontual,
e tem tantos e taes pontos
que será conto de contos
seus remendos numerar,
e impossivel de contar
seus pontos e sobre pontos.

Quanto eu remendo de dia
vós de noute descoseis,
e á porfia desfazeis
quanto eu faço á porfia;
e, se d'esta demasia
tenho queixa ou mostro enfado,
me dizeis por desenfado
por querer de mim zombar,
que o homem honrado ha de andar
roto, mas não remendado.

Não approvo tal razão;
porque, remendado o pano,
chega e passa além do anno,
roto, e descosido não:
mas vós em toda a occasião
os remendos descasais;
pois um do outro apartais;
e eu, este divorcio vendo,
entre remendo e remendo
lhe deito remendos mais.

Assim tratos nem contratos
quero já com vosco ter,
nem tão pouco quero ver
tão ruim dança de ratos:
porque vós sois como patos,
que, na casa onde entraís,
comeis, grunhis e sujais;
e inda sois muito peores,
pois sois uns destruidores
de toda a roupa que achais.

E tais tratos, certo é,
que são n'um combate e n'outro,
para essa roupa, — de potro,
para a ração, de polé:
e muito claro se vê,
em essa roupa coitada,
n'essa ração limitada,
que do vosso tratar
a ração vai pelo ar,
fica a roupa estropeada.

Porque, n'esta escarapela,
vós a tendes feito tal
que de cominhos um real
já não póde atar-se n'ella:
ainda assim doeí-vos d'ella,
pois não se queixa nem falla;
não lhe fazeis tal escalla;
porque nada vos abona
fazêr del-a *vobis bona*,
quando a fazeis *mihi mala*.

Mala a fazeis para mim,
e com vossa ruim treta
d'ella vós fazeis maleta,
mochila, alforge e coxim;
porque entrando n'ella emfim,
muito leves e ligeiros,
soldados aventureiros,
com vossas pilhantes tropas
vos fazeis meus guarda-roupas
e tambem meus despenseiros.

Com ser a gente de Rates
tão simples e boa gente,
vós, ratos, á unha e dente,
na roupa me dais combates:
olhai que são disparates,
quando somos tão vizinhos
o serdes vós tão damnhinhos
com esses trapos cõitados,
quando tão aproveitados
da Beira são os Ratinhos.

Vêde que esses trapos são
as meninas de meus olhos,
e vós sois os seus abrolhos,
e a sua assolação!
Tomara n'esta ocasião,
por evitar vossos tratos,
deitar na canastra uns gatos,
porque, com gatos, segura
ficara da investidura
de unhas e dentes de ratos.

Mas para dente tão duro,
e para unha tão má
resistencia nenhuma ha,
e nem contra *mures* muro:
que vosso dente prejuizo
toda minha roupa arrastra,
tudo a vossa unha alastra;
assim que já, d'esta feita,
de certo me tendes feita
a canastra uma canastra.

Mas, se entra n'um elefante
um ratinho pela tromba
e o derruba, prostra e arromba,
dos brutos sendo gigante;
que muito pois que, arrogante,
entre de ratos ninhada
n'uma canastra, coitada!
de um velho doente, e fraco,
e lhe dê tão grande saco,
e a deixe tão despojada!

Que vós quando n'ella entraís
sois a sua assolação,
sua lagarta e pulgão,
gafanhotos e pardais.
Vós da coitada cobrais
nata inteira, e meia nata;
então dizeis, que *pro rata*
commigo tudo partís,
e no que dizeis mentís,
como um rato e uma rata.

Que eu ficara mui contente,
e me estivera mui bem,
se a metade do que tem
partiramos igualmente:
mas vós com dente insolente
quando lhe fazeis entrada
só me deixais quasi nada;
e por isso agora digo
que vindes partir commigo
como Lisboa e Almada.

Vós n'ella fazeis a cresta,
da fructa a safara colheis,
vindima e ceifa fazeis,
e a esquilmia com grande festa:
o que deixais nada presta
porque é só uma lambugem,
tudo cheio de pennugem,
tudo uma pouca de borra,
e tudo cheio de alforra,
de escoria, e mais de ferrugem.

Dizem que o gato e o ladrão
leva o mal arrecadado;
mas vós do melhor guardado
na canastra lançais mão.
Porque vossos dentes são
umas mui agudas puas,
e vossas unhas gazuas,
e vós uns salteadores;
e assim vos fazeis senhores
de minhas cousas e suas.

Vós n'ella fazeis descarga,
e a carga meteis n'ella,
e, sem ser Setubal ella,
meteis carga, e tirais carga.
Para vós é muito larga,
para mim muito mesquinha;
mas, como fazenda minha,
e o meu cabedal todo,
eu a empo, cavo e podo,
e vós vindimais a vinha.

Quando eu por praça fechada
a tinha, e por muito certa,
a fizestes praça aberta,
e a deixastes saqueada.

De sorte a tendes tornada
nos combates que lhe destes
quando o sitio lhe puzestes
com uma e outra invazão,
que se praça morta não
«praça da palha» a fizestes.

Porque tantas mataduras
lhe fizestes e tamanhas,
que se lhe vêm as entranhas
já por suas aberturas;
porque n'estas aventuras
com vossa traça e tramoia,
sendo a canastra uma joia,
a tendes feito sem medra
escolho armado de pedra,
e *campus ubi fuit Troya*.

E com estrondo e com bulha
lhe fizestes tal lavoura,
que é a vossa mangedoura,
o vosso celeiro e tulha;
mas parece chasco e pulha
que seja vossa mantença
sem fazer commigo avença,
e sem fazer n'ella gasto,
ser vossa casa de pasto,
vossa cosinha e despensa.

Vós uma boa melgueira
tendes na triste e coitada,
eu n'ella desbaratada
tenho uma grande lazeira:
tambem da mesma maneira
vós lhe destes um tal pincho
que n'ella um ninho de guincho
achastes com vossos tratos;
mas eu um ninho de ratos,
porque d'ella nada trincho.

Que vós sois o seu trinchante,
e tambem o seu trinchete,
sua faca e canivete,
sua navalha rapante;
porque dentro n'um instante
tudo o que tem lhe arrunhais,
e vós arrunhando andais;
mas que muito assim andeis,
se á tripa forra comeis
e por tudo a escote entraís?

Mas entrar e não pagar,
eu não o posso soffrer;
e comer e mais røer
é comer e murmurar:
e isto só se vem achar
em villões ruins, ingratos,
e a todos que tem tais tratos
peccado é fazer-lhe bem,
antes merecem lhe deem
pelos focinhos c'os pratos.

Se essa pobreza que tem,
tanto, ratinhos, vos quadra,
para que a feira da Ladra
vós d'ella fazeis tambem?
Olhai, ratos, não é bem
fazer d'ella espâlhafato,
nem tanto gato-sapato,
que sapato mata aranha;
e, se gato ao rato apanha,
n'um sapato mette o rato.

Mas, se cada um da feira
diz conforme lhe vai n'ella,
vós podeis dizer bem d'ella,
eu de nenhuma maneira:
que vós n'ella de carreira
tudo o que quereis achais;
vós d'ella nada pagais,
mas eu ciza e cabeção,
real d'agua, imposição,
e outros direitos mais.

Sois tão bem afortunados
que até vindo buscar lã,
vós a levais limpa e sã,
sem nunca ir tosquiados.
Os meus colchões desbastados
tendes de sua lã basta,
e os tendes feito de casta,
que quando me vou deitar
só as bastas venho achar,
não lã, entre basta e basta.

A penna do travesseiro
com tanta preça levais,
que mais com ella voais
do que um passaro ligeiro.
Sendo o travesseiro inteiro
em meio o tendes tornado
com que eu e elle, coitado,
ficamos em tempo breve,
elle sem penna mui leve,
eu sem pena carregado.

Como por dentro e por fora
meu pão roeis com fadiga
outros ratos na barriga
me roem a toda a hora:
d'estes não me queixo agora
porque em roer razão tem;
de vós só queixar-me é bem
que vós a causa lhe dais,
e pois a causa causais,
causais o effeito tambem.

Vós sois n'uma e n'outra acção
em um tempo limitado
da roupa saca-bocado,
mete bocado do pão:
como me deixais em vão
n'este jogo da almoninha
tornai lá que não é minha;
e, por dar-me mais martello,
eu sempre levo o farello,
vós levais sempre a farinha.

Que farinha, pão e trigo
quasi o mesmo vem a ser,
pois quem a chega a comer
que come farinha digo;
como é todo o rato amigo
de farinha e de rolão,
posso com muita razão
dizer de certo esta vez
que ora *mus farinam est*,
quando me comeis meu pão.

De levar de mais um *t*
não é falta á consoante
porque erro assim semelhante
ser só sobejo se vê:
mas *t* consoante é,
que não é letra vogal;
mas inda assim letra tal
o rato lh'a roerá,
e sem ella ficará
um verso com outro igual.

II

Quando em rapaz me nascia
em minha boca um dentinho,
que me nascia um ratinho
então minha mãe dizia ;
mas agora que á porfia
caindo todos me vão,
vós, ratinhos, sem razão
vindes com pressa não pouca
não a nascer-me na boca
mas tirar-me d'ella o pão,

Porque quando o tenho inteiro
vós o partis e comeis;
então dos tolos dizeis
que o pão se come primeiro;
o adagio é verdadeiro;
porque é muito nescio quem
seu pão em canastra tem,
quando n'um fechado almario
d'um rato ladrão corsario
ninguem seguro está bem.

Mas onde o hei de meter,
se o tempo com sua treta
da canastra me fez preta
que é o mais que póde ser?
Assim meu pão venho a ter
n'uma canastra metido;
mas n'ella rato sabido,
porque seu tributo cobre
ni le perdonó por pobre,
ni dexó por escondido.

Meu pão com o olho vejo,
porém como-o com a testá;
vós com alegria e festa
o comeis com pouco pejo.
Assim vingar-me desejo
de tão grande sem razão
que é tal vossa ingratidão,
e tal vosso desprimor,
que não me tendes amor
com me comerdeş o pão.

Olhai que essa festa toda
bem se vos póde acabar;
que nem sempre ha de durar
para vós o pão da bôda:
que a fortuna sua roda
tambem com os ratos anda;
e, se ella vol-a desanda,
e á mão me vieres ter,
tal dom vos hei de fazer
que baileis a sarabanda.

Pois quando em tal embarço
a comer o meu pão venho
d'elle um bocado só tenho,
vós um pão com um pedaço;
para mi é muito escasso,
pão duro de munhão;
para vós molete-pão,
e tambem é pão de ló;
para mi de raiva só,
porém de raiva de cão.

D'esta agua não beberei
é um dito mui commum;
mas de vós não diz nenhum
d'este pão não comerei;
porque muito certo sei
que quem pão alheio achou
que d'elle muito gostou,
seja de trigo ou centeio,
porque comer pão alheio
a ninguem enfastiou.

Para mim é o meu pão
um biscoito de gallé;
mas porém para vós é
pão de leite e requeijão.
E como sempre na mão,
com bom jogo vos achais,
o bolo logo ganhais,
porque é pão o melhor bolo;
eu respondo como tolo,
vós de codilho o levais.

Já vi engodar meninos
e paparem-lhe o seu pão;
mas um velho ancião
engodar, são desatinos:
mas vós sois ladrões tão finos
que sem me vir engodar
o meu pão vindes gramar;
porque, se vós me engodasseis,
e então meu pão papasseis,
não tinha que me queixar.

Se omnis saturatio mala,
e a de pão muito mais,
porque d'elle vos fartais
e de o comer fazeis gala?
vós lhe fazeis tal escala
e lhe tendes tal cenzeira
que por diversa maneira
vós ficais d'elle estourando,
mas eu de fome estalando,
e posto a pão de padeira.

Pão da Ilha é cada dia
meu pão no jantar e ceia;
para vós é arca cheia,
para mim tripa vazia:
vós o comeis á porfia,
e sem nenhuma razão
levais o melhor quinhão,
gram fatia e bons bocados,
sem serdes meus afilhados,
nem de meu compadre o pão.

Olhai que quem quer comer
trabalha, lida, e trabuca;
que quem trabuca manduca
mil vezes ouvi dizer;
mas ociosos viver
e vir comer pão alheio
é um caso muito feio;
coma quem sua e trabalha,
beba quem na eira malha,
ao sol e calma, o centeio.

Mas, se a vós sem` trabalhar
comer meu pão vos alegre,
olhai que algum dia a negra
me podeis vir a pagar:
porque nem sempre ha de estar
o diabo atraz da porta;
porque, se a fortuna torta
bigorna agora me fez
posso ser malho outra vez,
e assim vingar-me importa.

Nenhum erro commetti
em chamar torta á fortuna,
que a esta varia importuna
chamar cega sempre ouvi;
mas eu mais a engrandeci,
pois, se torta lhe chamei,
de mais um olho lhe dei;
e quem com um olho se achar
mui bem se póde chamar,
na terra dos cegos, rei.

Vós comeis tres iguarias
quando me comeis o pão;
que tres iguarias são
pão, bocados e fatias;
e quando o pão é de dias
logo com vossos dentinhos
fazeis d'elle biscoitinhos;
tambem o fazeis brôa,
porque sempre foi mui bôa
borra para os ratinhos.

Para vós não ha pão máo,
porque até dentro na boca
vós o fazeis mandioca,
rica farinha de páo:
e ficamos n'esse gráo,
eu com pena e com tormento,
vós com gosto e com contento;
e para nós, sem parolas,
para vós pão de violas,
para mim pão bolorento.

Con pan los duelos son buenos
para vós, e são regalos;
sin pan los duelos son malos
para mim, e são venenos:
tambem que *del mal lo menos*
dizem adagios geraes;
vós do bem levais o mais,
eu levo o menos do bem;
e do mal sempre me vem
com fome ao rosto os signaes.

Como me comeis o pão,
e a roupa me rompeis,
da roupa e do pão fazeis
para vós um bom roupão:
eu venho a ficar então
sem a roupa e muito frio;
sem pão das tripas vazio;
vós com roupa, e pão nas garras
ficais a duas amarras,
mas eu fico por um fio.

Uma galheta bem cheia
de azeite me derramastes;
como no chão m'ò entornastes
ficou sem ella a candeia:
para mim foi má estreia;
porém vós com vossa treta
o comestes como preta;
disse eu n'essa occasião:
lambeatus est meu pão,
mamaverunt te, galheta.

O meu queijo de Alemtejo
para vós queijo é *dáquem*,
para mi queijo é *dálem*,
porque só dálem o vejo:
vós lhe fazeis tal despejo
tanto á pressa, e de repente,
que quando vou mui contente
comel-o por ser frescal,
eu o acho tão duro e tal
que nunca lhe meto o dente.

Em vindo da outra banda,
eu d'elle pago o despacho;
vós o comeis sem empacho,
e o fazeis vossa vianda:
e ao meu queijo de Olanda
vós lhe dais tal galardão
que sois sua assolação;
e para ser seu açoute
conheceis á meia noute
flamengos, se queijos são.

E também os conheceis
que achando o queijo bom
mui de alto e de bom som
bona fromage, dizeis:
manteiga d'elle fazeis,
vindo quente o pão do forno;
para vós é feito ao torno,
muito brando e manteigado;
para mi encortiçado
queijo de Hamburgo, de corno.

Aos queijos do termo nosso
que chamamos de Saloias,
vós os comeis com tramoias,
mas eu chegar-lhe não posso:
o melhor sempre é o vosso,
o meu sempre é o peor,
e até os de Montemór
que tem graça por salgados,
vós os deixais desbastados,
e os fazeis *montemenor*.

Det tibi manus avara,
diz do queijo a medicina,
mas vós d'elle em tal ruina
comeis quantidade rara:
e sendo cousa tão clara
que o queijo tira a memoria,
vós o tendes por historia,
assim d'elle vos fartais,
e para mi o deixais
feito esterco e feito escoria.

É cada qual tão lembrado
d'esta canastra mofina,
que o queijo Anacardina
para vós se tem tornado:
e sendo tão reprovado
o fazer do queijo barca,
quanto vossa unha abarca
vós barca d'elle fazeis;
e como em vós o meteis
elle é barca, e vós sois arca.

Na arca aberta o justo pecca,
não em canastra fechada;
mas vós da minha coitada
fechada a fazeis caneca:
vindes lá de seca e meca
com tal pressa e furor tal,
que fazeis, para meu mal,
com máo termo e ruim modo,
do meu queijo lama e lodo,
e do meu pão cinza e sal.

Os meus doces me comeis;
e, sendo tão estremados,
vós m'os fazeis mui salgados,
e amargo m'os fazeis:
as suas caixas roeis,
porque uma de marmelada
que eu tinha mui bem guardada,
vós, entrando dentro nella,
lhe fizestes tão gram mella
que ficou sem marmelada.

Se de herva doce confeitos
para o estomago tenho,
quando os quero, achal-os venho
de herva amarga e já desfeitos.
Os meus fartes tão perfeitos
que pelo Natal me dão
logo d'elles lançaís mão,
e sem terdes de mi dó
são para vós fartes só,
para mi famintos são.

E se acaso são de mel,
que são mui bons em tal tempo,
são para vós passatempo
para mi vinagre e fel;
que certo é cousa cruel,
sendo eu emancipado,
já tão velho e tão barbado,
meus fartes não governar,
e um menino orphão ficar,
e mais não ficar melado.

Comerdes-me muito sinto
esses fartes do Natal,
mas o certo é que mal
se doe o farto do faminto:
metido em um labyrintho
dos fartes não como nada,
vós lhe dais tal manoplada,
que são com diversa estreia
para vós, mui larga ceia,
e para mi, consoada.

Como estou em sitio posto
não posso ver sitiado,
dos doces um bom bocado,
nem dos fartes um bom gosto;
mas olhai, que em tal disgosto,
se o sitio permanecer,
que posso, ratos comer,
que nunca fome tyranna
mejor que xaboliana
comer ratos ha de ser.

Vós comeis o doce e pão;
e, como é todo o pão massa,
fazeis pela vossa traça
do doce e pão massapão:
a todos de uma feição
vós mostrais mui boa cara;
mas certo que cousa rara
comerdel-os vós parece:
porque *dulce no merece*
quien no gustavit amara.

Não foi minha a badalada,
nem foi minha a parvoice;
Na lã, e sabão que disse
na decima antepassada:
que na comedia chamada
la mas constante muger
Montalvão o foi dizer
sendo que é um disparate
e que só um louco orate
podera tal escrever.

Vós das fructas as mais sans
escolheis muito deveras:
as peras, como entre peras,
maçans, como entre maçans;
deixais podres pelas sans
que não são para comer;
eu, como estas venho a ter,
escolher é escusado;
porque entre ruim *ganado*
ha muy poco que escoger.

Até a fructa mais guardada
com vosco perigo corre,
pois para mi em flor morre,
para vós é sazónada:
da maçan mais estremada
vós sois ouriço cacheiro;
e, n'um salto mui ligeiro,
são para vós, ladrões cacos,
as peras farta-velhacos,
sendo perinhas de cheiro.

Tão ligeiro salto dais
que não são passadas vans,
porque de Juan de maçans
logo ao Pereiro saltais;
são as peras que levais
cornicabra e carvalhal;
e levando pera tal
eu venho a levar mesquinho
da carvalhal o espinho,
da cornicabra o signal.

Sem jogar com vós as peras
vós ganhais as mais maduras,
eu as mais verdes e duras,
mais pedradas e mais feras;
vós comeis muito deveras
todas que vos vão á mão,
mas é minha admiração
que seja para meu damno;
para vós de peras anno,
e tambem anno de pão.

Quando as peras me levais,
então para peras levo,
pois vos pago o que não devo,
e vós rindo vos ficais:
se pera flamenga achais
a comeis em portuguez,
e me fazeis d'essa vez,
com estrondo e com arenga,
os narizes á flamenga
muito mal em que me pez.

A pera parda na cama
de vós não está segura,
e em vós fazeis dependura
da bergamota de fama:
a que pigarça se chama
que é pera de estimação,
tanto que vos chega á mão
logo d'ella fazeis farça,
e sendo a pera pigarça
vós a fazeis pera pão.

Eu com as campanas dobro,
vós com ellas repicais:
vós bons codôrnos cobraís,
eu codôrnos sem dó cobro:
eu trabalho, lido e obro;
mas são minhas obras pretas,
que vós com as vossas tretas
me fazeis um louco orate,
minhas peras, de remate,
minhas maçans, maçanetas.

-

De vós, ladrões de assobio,
na canastra não se esconde
nem minha pera de Conde
nem pera de Riofrio:
vós d'ella fazeis rocio
pateo da fructa, e ribeira;
mas eu sempre de maneira
n'ella acho a horta secca;
a pera formosa, peca,
muda a maçan, chocalheira.

Tambem n'ella achais Colares
com seu Rio das maçans;
mas eu não posso achar sans
nem maçans, nem Massanares:
vós d'ella levais aos pares
as ricas maçans de Abrantes,
as de Oeiras tão galantes
as da Lourinhã chainhas,
as de Montemór rainhas,
e as de Alcobaça brilhantes.

Que vós ás maçans correis
com tal pressa, e furia tanta,
que cada qual Atalanta
no correr me pareceis:
todas as que vós comeis
em camoezas tornais,
e para mi me deixais
peros pardos de Galiza,
fructa de muito má guiza,
verdes, e não verdeais.

Para vós minhas maçans
são das Hisperidas hortas;
para mi sem cheiro, mortas,
vasias, e muito vans:
para vós todas são sans
muito bellas e formosas;
para mi são enganosas
por fóra muito córadas,
por dentro pôdres, sorvadas,
como hoje muitas formosas.

Quando com vosso consêlho
a melhor maçan levais,
então brincar me mandais
com a maçan do escaravelho:
para taes brincos sou velho
e brincar não me convém;
antes chorar será bem,
pois vós da melhor maçan
sois a Deusa Venus van,
eu Juno, e Palas tambem.

Que Juno ficou sem ella
Palas sem ella ficou,
Que Venus só a levou
com que ás mais fez remoel-a:
para vós toda é mui bella
da Anafrica assucarada,
para mi, pera tocada,
é de amargosa uma peste,
no travento de acipreste,
e na dureza de espada.

Se achais maçan de craveiro,
que chamamos de capella,
deixais a roupa sem ella,
sendo que lhe dava cheiro:
então dizeis que primeiro
melhor cheiro lhe puzestes
pois n'ella cama fizestes
e que não de raposinhos,
senão cheiro de ratinhos
de vós mesmo então lhe déstes.

Vós com vossa pressa louca,
e com arrogancia bruta,
da pera me comeis muita,
da maçan não comeis pouca:
boa não me chega á boca;
porque vós não m'a deixais;
e como vós a levais,
e eu a vejo e não a como;
de Tantalo o nome tomo
vós de *tam tolo* m'o dais.

Até minhas fructas novas
vós as fazeis fructas velhas;
e fazeis suas parelhas
as ameixas com taes provas;
e por ver-me fazer trovas
e causar-me maior damno,
usando de vosso engano,
tomais com malicia muita
para vós do ramo fruita
para mi m'a dais de abano.

Não vos escapam por pés
minhas cerêjas bicais,
nem as gínjas garrafais,
se as tenho alguma vez:
porque mal, em que me pez,
como cerejas se vão
pelos pés á vossa mão
e da vossa mão á minha,
a cereja é marovinha
as gínjas gallêgas são.

Quando pêcego, ou damasco
em minha canastra achais,
calvo o pêcego deixais,
do damasco fazeis asco:
e, por ser maior o chasco
e dar-me maior sabão,
o melhor maracotão
dizeis partis por nivél;
mas vós levais d'elle o mel,
eu levo d'elle o cotão.

As laranjas estremadas
da China ricas e bellas
vós me atirais com ellas
muito boas laranjadas:
de levarem tais pancadas
ficam as coitadas tais
que sendo doces bicaís,
e as laranjas da China
da colera medicina
a mi m'a acrescentão mais.

Por vós o melão calado
pivide na lingua tem,
para mi mangrado vem,
para vós sempre estremado:
para vós, como letrado
sempre de mysterio falla;
mas para mi n'esta escalla
nenhuma cousa arrazoa,
sendo uma fructa tão boa,
inda que ás vezes tem cála.

Que ha muitas fructas que são
de segredo mui caladas
quando tantas badaladas
os letrados melões dão:
para vós todo o melão
é mui bello e perigrino,
uma algalia, almiscar fino,
muito doce, e moscatel,
mas para mi é um fel
uma abobora, um pepino.

Porem olhai que tal fruita
não é boa para ratos,
porque ha melões muchagatos
que a ratos dão pena muita:
mas vós como gente bruta
até as cascas lhe roeis,
de mi caso não fazeis,
e do que digo vos rides,
pois lhe comeis as pivides
e as cascas lhe comeis.

A fructa fresca gostais
e para desenfastiar
ides a sêca buscar,
e inda d'esta gostais mais:
a de Alcobaça levais,
a do Algarve estremada,
a das Pias tão gabada
e me deixais para mim
a peor, e mais ruim
já por Coimbra passada.

Os meus figos estremados
são, por modos differentes,
para vós figos presentes,
para mi figos passados:
vós com elles alentados
vindes commigo armar brigas;
e, por dar-me mais fadigas,
meteis com pressa não pouca
a vós os figos na boca,
a mi nos olhos as figas.

A canastra embarcação
é para vós sem perigos,
que vós sois meus papa-figos -
sem para isso ter razão:
porque papa-figos são
velas, e mais passarinhos;
mas vós, ligeiros ratinhos,
os meus figos me comeis,
e á vela a elles correis,
como bando de estorninhos.

Deixais de ser meus amigos
pelos meus figos comer,
porque é certo não haver
amigo em tempo de figos:
como sois meus inimigos
e me tendes tal cenzeira,
tambem da mesma maneira,
quando na canastra entraís,
sem os figos me deixais,
e sem ramo de figueira.

De todos em conclusão
vós levais sempre os melhores,
eu levo sempre os peores
com bichos, e corrupção:
para vós os figos são
do Algarve muito estremados
todos bellos, e lavados,
todos figos de comadre;
para mi de máo compadre
ardidos e deslavados.

As amendoas me furtais,
e como as vedes tão bellas
no estomago com ellas
aos bons figos recheais,
as passas a vós passais
e lhes fazeis tais estragos,
que para vós são de Lagos,
para mi de Faro são,
pois só o faro me dão;
e a vós pelo faro os bagos.

Assim logo sem demora
em um limitado instante
para vós são de Alicante,
para mi são de Lichora:
e para vós é n'essa hora
boál, Lerém, e saria,
é bastarda, malvazia,
e, sendo tão estremada,
d'ella a canastra coitada
é mal cheia, e bem vazia.

Para vós as passas são
todas bellas e formosas,
todas de uvas graciosas,
para mi de uvas de cão:
toda a que vos vai á mão
é de uva moscatel,
toda mais dôce que um mel,
mås para mi um trovisco,
porque toda é de Mourisco,
peior que mouro de Argel.

Para vós passo de rir
é minhas passas comer,
mas para mi vem a ser
de chorar e de sentir:
então a vosso engulir
são bons passos de garganta,
mas por certo que me encanta,
que sejam passos inteiros
para vós; e pardieiros
para mi, com perda tanta.

Um jogo de passa passa
de minhas passas fazeis;
com graça sempre as comeis,
mas eu sempre com desgraça:
que vós pela vossa traça
lhe fazeis tal embaraço
que quando vou passo a passo
as minhas passas buscar
é só o que venho achar
seu bagulho e seu engaço.

Porque vós a deixais tal,
que entre ellas no melhor cacho
inteiro um bago não acho
para uma espinha carnal:
como a passa era boál
de mi para vós voou,
e passa que se passou,
depois d'uma vez passada,
ficou passa repassada
e traspassada ficou.

Passa hoje por lebre o gato,
por perdiz passa o francelho
por capão o gallo velho,
passa a gaivota por pato:
por Arraia passa o rato,
mas é cousa que me encanta,
que passando cousa tanta
com mentira e com trapassa
só a passa não me passa
para baixo da garganta.

Porém passa-me por alto,
e tanto por alto, que
mais meu olho não a vê
depois que lhe dais assalto:
eu então de passas falto
fico morfuz e mofino;
vós moendo-a de contino,
eu sem moer d'ella nada;
porque com agua passada
no puede moler molino.

Vós com bom jogo passais,
mas porém sempre é de falso,
e, como me achais descalso
as passas logo ganhais;
e, como em vós as levais,
d'ellas vos fazeis passeira,
assim da mesma maneira
depois de mui bem passadas
e no estomago guardadas
d'ellas ficais feitos feira.

Vós vestís de côr de passa,
com capricho e garavato;
eu visto de côr de rato,
que para mi não tem graça;
porque pano de tal traça,
sem ser da traça comido,
dos ratos está roído
com tais nodoas e tal damno,
que de tal côr e tal pano
hoje é mui triste vestido.

Porque está de tal maneira
com o tempo e c'o trabalho,
que nem para um espantalho
servir póde a uma figueira:
mas é tal minha canceira,
que podendo trapos tais
servir de espantar pardais
e a todos os passarinhos,
não podem espantar ratinhos,
nem das passas, nem do mais.

III

Para vós, minhas castanhas,
são enxertadas formosas;
rebordans, e mui ventosas
são para as minhas entranhas:
que vós com vossas manchas
logo d'ellas tomais posse;
colherinhas de herva dôce
são para vós n'um momento
e para mim são um vento,
que me faz catarro e tosse.

Vós a castanha moeis,
eu a castanha remoio,
e de a vêr, também me moio
a pressa com que a comeis:
depois com ella fazeis
mais estrondo n'esta escala
do que uma peça com bala,
assim que em distancia pouca
a mi me estala na boca,
e a vós por baixo estala.

Esta grande traquinada
vós com a verde fazeis;
e se a pilada comeis
de maio sois trovoadas.
Como a canastra estercada
tendes com vossa maranha,
temporã é a castanha,
para vós, é singular,
e m'a mandais esbrugar
com máo termo e ruim manha.

Tambem com vossas gracetas
e vossos pesados brincos
por castanhas me dais trincos,
que trincos são castanhetas;
para mi são graças pretas,
e me causam grande susto;
pois, fazendo eu o custo
d'essa castanha tão bella,
eu não faço nada d'ella,
vós d'ella fazeis magusto.

Mais são as vozes que as nozes
p'ra mim n'esta occasião,
e para vós n'esta acção
mais as nozes que as vozes:
vós jogais os arriozes
com ellas muito contentes;
e, sendo as nozes tão quentes,
eu fico d'ellas mui frio;
vós com calor e com brio,
com ellas ficais valentes.

Tambem um salta-martinho
de suas casas fazeis,
os miolos lhes comeis
e a mim dais o brinquinho:
para mim marramartinho
tal salta-martinho é;
e de sorte marra que,
em minha canastra entrando,
a tudo vai tope dando,
sem me deixar coisa em pé.

Dizem que uma feiticeira
em uma noite passou
á India, e de lá tornou
n'uma canastra ligeira:
não é coisa verdadeira,
porém vós, ratos sabidos,
alentados e atrevidos,
ás partes remotas mais
em uma noite passais
n'uma canastra mettidos.

Porque n'ella, em conclusão,
chegais na laranja á China,
no queijo passais a Smirna,
e no pão sempre ao Japão:
que isto tudo sem razão,
nem escriptura e concerto
sempre n'ella tendes certo,
e vindes cobrar assim
o queijo em fateozim,
o pão a rotulo aberto.

A canastra é uma herdade
para mim de matacão,
porque mata um homem são
quem lhe rouba a novidade.
Vós m'a roubais na verdade,
porque vós m'a desfructais;
e, como d'ella cobrais
renda, principal, pitanças,
até minhas esperanças
muito frustadas deixais.

Vós n'ella por sobremeza
achais doce, queijo e fruita,
mas eu acho trampa muita
com muita pouca limpeza:
vós vos levantaes da meza
mais recheados que um paio;
eu tal, que de fome caio,
e com o doce melhor,
vós com boca de senhor,
eu com boca de lacaio.

Tambem a fazeis um beco,
porem não da cortezia;
mas rua suja á porfia
e casa de Jorge Sêco;
e, por ser maior seu peco,
fazeis ser canastra tal
de Lisboa por meu mal,
e por dar-lhe maior vaia
lhe chamaes filha da praia,
neta do cano real.

Eu, sem comer nem fallar,
vós comendo e murmurando,
pois vos ouço estar chorando
toda a noute sem cessar;
pela manhã venho achar
a triste canastra cheia
de vossa immundicia feia;
e, sendo quem a sujais,
inda mais vos agastais
que quem a limpa e aceia.

Que esta é a carga certamente
que vós n'ella meteis só,
e eu logo digo *pó-pó*,
quando meu nariz a sente:
assim a limpo em continente
com muito grande presteza,
porque tenho por certeza
que me havia condemnar,
se assim a viesse achar
o Almotacé da limpeza.

Porque vós, por dar-me trella,
se o sono a dormir vos chama,
não só fazeis n'ella cama,
mas fazeis camara n'ella:
por ter tal segredo ella,
e não ser em nada varia,
se não vossa secretaria
a tendes feito com treta
pelo segredo, secreta,
por tudo o mais—necessaria.

E dizeis que nada perde,
porque póde sem paróla
ser de um calhandro gaióla,
ou de um papagaio verde:
e tambem que de um valverde,
senão de um mangericão
pode servir de boião,
e achar mui boa mama
em os rios de Cuama,
sendo n'elles galião.

E que da mesma maneira
por ter tão grandes cuidados
pode de frascos vidrados
ser uma boa frasqueira:
porque logo de carreira
não lhe faltarão doutores,
criados e servidores
a requerer sem empacho
da camara um bom despacho
por seus serviços maiores.

Em outras habilidades
não quero agora bulir,
porque me podem servir
para mais necessidades:
assim n'estas faculdades,
n'esta materia presente,
eu me sinto tão corrente,
que dizer agora escolho
o mal que faz vosso olho,
e o que faz vosso dente.

Doces, fructa, queijo e pão,
amendoas, passas e figos
de passarem tais perigos
me ficão sem osso são;
que estas cousas sem razão
vós deixais meias comidas,
tão sujas, tão abatidas
que ninguem as quer comer
pelas achar e as ver
de vossa boca roidas.

E com vossa industria e treta
fazeis minha ração franca
ser para mim sorte branca,
ser para vós sorte preta:
tambem a fazeis dieta
mas porém mui desigual;
que vós a fazeis real
para vós e muito ampona
dieta de *Ratis-bona*,
mas para mim do hospital.

E também, com graças loucas,
na canastra de dous pulos
a roupa ganhais por culos,
e o comer ganhais por bocas:
mas tais trocas e baldrocas
eu não quero ver, porque
em este jogo se vê
deixais com a vossa treta
em um cabo de palheta
a roupa e o comer á ré.

Vós da fructa cobrais ciza,
porque sois os seus cizeiros,
dos doces sois dizimeiros
e dos queijos malaguiza;
vós em tudo me dais piza
e de tudo por nivel
cobrais tributo a granel;
porém não de *Maure-gato*,
porque é de *Maure-rato*,
que é tributo mais cruel.

Mas mais facil de pagar
de Maure-rato ha de ser
este tributo a meu ver,
que o de Maure-gato dar:
porque onde se hão de achar
n'este tempo cem donzellas,
se feias, formosas, bellas
depois que o ouro reinou,
a todas em flor cortou
sem ficar flor com flor n'ellas!

Vós a roupa me rompeis,
o comer me rateais,
na canastra me sujais
e brechas n'ella fazeis:
dizei o que mais quereis
que a tudo vos direi—sim;
porque certo alcançar vim
que não sou n'estes contractos
já diabo para os ratos,
e que o sois vós para mim.

Porém inda o posso ser;
que, se não vos emendardes,
e tal manha ainda usardes,
guerra vos hei de fazer:
então não me hei de valer
contra vós de forte gente;
porque, ña guerra presente,
quem dar morte a ratos trata
é melhor ser uma gata
do que ser leão valente.

Assim que a guerra será
não guerra de cão com gato,
senão de gato com rato
que é para vós guerra má:
que eu não posso soffrer já
tanta perda, nem tal damno,
nem que um ratinho tyranno
me dê uma è outra vez
más horas em portuguez,
mãos «ratos» em castelhano.

Mas rato, que este mal faz
e causa damno tamanho
não é pequeno murganho,
senão um grande arganaz:
rato que tem manhas más
faz mal, se n'ellas se fia;
porque sua valentia
póde cahir sem demora,
pois á casa cae uma hora,
que não cae em cada dia.

Assim já n'uma tigela
sete vossos companheiros
me ficaram prisioneiros,
captivos e mortos n'ella;
não me façais remoel-a;
sejam os sete vosso espelho,
que, se a tigella apparelho,
e outra vez á torno a armar,
me haveis de vir a pagar
de uma vez o novo e velho.

Porque aos sete de maneira
eu fiz mais males e damnos
do que aos sete Castelhanos
de Aljubarrota a forneira:
olhai que n'uma poeira
vos farei n'estes contractos,
dando-vos esfolá-ratos
mui grandes n'esta occasião,
porque esfolá-ratos são
piores que os esfolá-gatos.

Por isso agora, ratinhos,
pois conheceis meu rigor,
em remolho as barbas pôr,
vendo arder as dos visinhos:
porque os sete coitadinhos
m'ô pagaram muito bem;
assim vigiar convem
porque, se nas horas más,
não ladram cães; se é sagaz,
não mia o gato também.

Mas pouco veio a importar
os sete que vos matei,
pois por sete, sete achei
cada um multiplicar:
assim vós vim comparar
com a hydra certamente,
a qual Hercules valente,
cortando-lhe uma cabeça,
logo via nascer d'essa
outras sete em continente.

Eu não sei d'onde vieram
tais ratos para meus males,
deviam nascer dos vales
que dos montes não nasceram;
porque dos montes disseram
que lá quando vos pariram
foi o parto que lhe viram
só um ridículo *mus*,
mas contra mim muito crus
milhares d'elles cahiram.

Mas não é nenhum protento
haver d'esta geração
tal numero e multidão,
que ha rata que pare cento:
e não são cousas de vento
nem são pataratas minhas
o dizer n'estas tróvinhas
que bem mais ratas pariram,
e do ventre lhe sahiram
já prenhes muitas ratinhas.

Que André Laguna isto diz,
Discorides, commentando,
e por isso o fui contando
n'essa decima que fiz:
e quando vós, ratos vis,
contra mim gente fassais,
para vós o mal buscais,
que eu tambem gente farei,
e será a que eu trarei
melhor do que a vossa mais.

Que vós sómente trareis,
ainda que aventureiros,
ladrõesinhos formigueiros
com que a guerra me fareis;
mas a minha ser vereis
gente de altenaria,
que com garra e unha de harpia,
com pena, balança e vara,
sempre ella cara a cara,
faz gateira cada dia.

Pois trarei em continente
um bom rancho de Siganos,
que com mentiras e enganos
são gatos de unha valente;
tambem trarei de repente
contra vós por capitão
a um famoso escrivão,
e um requerente com elle,
que vos tirarão a pelle
porque esfoladores são.

E, se gatos são bichanos,
e bichanos são rapazes,
contra tantos arganazes
a todos trarei tyrannos:
que a ratos que causam damnos
castigam os rapazes bem;
pois quando algum vivo tem,
pelo rabo bem atado,
como a touro agarrochado
dar-lhe morte todos vem.

E trarei um despenseiro,
e com elle um alfaiate,
porque um ou outro vos mate,
com sua unha ligeiro:
e trará por companheiro
o primeiro um comprador,
o segundo um mercador,
que estes todos em seus tratos
são muito famosos gatos,
e cada qual o melhor.

Tambem trarei n'esta linha
contra vós em meu favor
quem vos tem odio e rancor
que é decerto uma doninha:
com ella trarei azinha
uma formosa cegonha
que vossa pouca vergonha
castigue com unha rija
e de tanta sevandija
livre a canastra me ponha.

E com tal gente serei
de ratos Nero cruel
que a nenhum darei quartel,
e a nenhum perdoarei;
tantos males vos farei
que se diga n'esse dia,
vendo com tal tyrannia
dar-vos morte triste e feia:
«Mira Nero da Tarpêa
como Roma lá se ardia!»

Será fatal a batalha
e será mui grande a bulha,
pois vem de gatos patrulha
contra vossa vil canalha:
eu então, n'esta baralha,
com traça e industria minha,
se não tirar a sardinha
das brazas co'a mão do gato,
tirarei com ella ao rato
da canastra muito asinha.

E, se em garra tão cruel
algun de vós vivo colho,
se não lhe pozer trambolho,
lhe porei um cascavel:
este fará tal tropel
que aos mais faça fugir;
e, se eu então livre me vir,
farei logo a minha cama,
e, sem cobrar boa fama,
me irei deitar a dormir.

Ou me irei faltar de vinho;
porque, se a gata tomar,
então não me hade escapar
rata, rata, nem ratinho:
e, se contra vós me espinho,
me ireis logo de enfadado
fazer um gato pingado,
da `Misericórdia não,
senão montez e ladrão,
por me vêr de vós vingado.

Mas porém nada farei,
porque gato meador
nunca é grande murador,
e de mais já eu mieí;
mas a mi mesmo direi:
«larga a gata, larga a gata!»
e, se a largar, rato ou rata
nenhum comigo se tome,
porque gato que tem fome
para a matar ratos mata.

E minha fome por fina
é n'este presente estãdo
fome de gato esgalgado,
que é peor do que canina:
e porque outra tal ruina,
nem outra de massa-gatos
me façais n'estes contractos,
serei Maria Leitôa
contra vós, porque era boa
Lé-lé para apanhar ratos.

IV

Mas vós podereis dizer,
vendo-me velho e doente
um a outro mui contente:
«papa ratos quer morrer».
E logo me ireis fazer
na canastra grandes roubos,
e porque é bradar de lobos,
serão brados escusados
porque cabem muitos brados
nos c... de ratos e lobos.

Com tudo assim me dispuz,
não havendo em vós emenda,
ser n'esta nossa contenda
cruel-*felix* contra *mus*:
não bulais vós nos baús,
na canastra ia dizer,
porque o damno que tiver
me haveis de pagar de ciso:
Mira, Zaida! que te aviso,
quem te avisa bem te quer.

Porque se *felix* com *x*
vós fostes n'ella até agora
com *s felis* agora
vos fará ser infeliz,
pois se mais n'ella bolis
não será felis incerto;
porque será muito certo
commum de dous n'este trato,
porque será gata ou gâto
que vos ponha em grande aperto.

Olhai que n'ella se agacha
um gato com gram cautella,
e em achando o rato n'ella,
o que quer o gato acha:
logo o parte, fende e racha
para fazer d'elle migas,
porque de migas amigas
são as gatas e gatinhos,
e então aos tristes ratinhos
em os olhos mette as figas.

Tambem sempre vigiai,
porque um gato que é atroz
não vai por hi ás filhós,
mas por hi aos ratos vai:
e tambem álferta estai,
porque ha gato tão malvado,
que um dia estará calado
sem *miáo*, *miáo* dizer,
só porque possa colher
algum rato descuidado.

Tambem ha gato perverso,
que com unha acicalada
dará em um rato unhada
como se fôra máo verso:
outro por modo diverso
tendo-lhe odio e rancor,
diz que a ratos tem amor,
e não parecem patranhas,
pois os mette nas entranhas
que é gram fineza e favor.

Outro gato por limpar
de ratinhos umas casas,
como gato sobre brazas
por ellas costuma andar;
e, ouvindo o rato chiar,
a elle vai a correr,
e, se o chega a colher,
com tanta pressa o engole
que no estomago lhe bole,
e ás tripas lhe vai morrer.

Um rato, uma vez, cahiu
na mão de um gato esgalgado;
de fome o gato esganado
sem mastigar o enguliu:
mas, como o rato se viu
na barriga sem canceira,
deu n'ella uma tal carreira,
que sem nenhuma fadiga
lhe sahiu como lombriga
por sua porta trazeira.

E n'essa breve distancia,
antes de o gato o sentir,
ojos que lo vieron ir
no lo veran mas en Francia;
mas nem por isso jactancia
nenhum rato póde ter;
porque póde acontecer
andar, correr e saltar,
e depois de andar andar
póde á Beira vir morrer.

Tambem ha gato romano,
que sem ser gato de Italia,
mais do que gato de Algalia
vos fará suar, tyranno:
outro gato deshumano
sem orelhas, derrabado,
sem ser musico capado,
o sangue vos beberá;
mas porém que não fará
um mourisco desalmado?

E, se algum comvosco brinca,
olhai que brincos de gatos
não são brincos para ratos,
pois brincando a unha afinca:
elle vos parte e vos trinca,
morde, maltrata e arranha;
e gato que tem tal manha
que até arranha brincando,
que fará em se assanhando
se então ao rato apanha?

Que podeis vós esperar
de gatos, senão desgostos,
pois até seus maiores gostos
são com morder e arranhar?
Por que certo se hade achar
que tem tão má condição,
que, se em Janeiro ocasião
tem para tomar a gata,
a morde, arranha, maltrata,
para fazer geração.

Olhai que com valentia
um facinoroso gato
de unhas curvas, nariz chato
ao campo vos desafia:
de mão, com ser covardia,
a tal desafio dai,
que ai! do gato, goai! goai!
que a entrar n'ella se atreva
que rato que o gato leva
dizem que gualdido vai.

E por isso a nenhum rato
brigar com gato está bem,
que um rato um fôlego tem,
quando sete tem um gato:
e com tão desigual trato
o fugir é boa estreia;
que uma gata fraca e feia
e um rato forte e valente
será um rato sómente,
mas a gata é gata e meia.

E, se o que usa cuida,
gata ruiva no seu trato,
por apanhar vivo um rato
faz-se cega, surda e muda;
e, se o rato se descuida,
e vivo o chega a colher,
com muito gosto e prazer
logo seus filhinhos chama;
e, com serem inda de mama,
nas unhas lh'os vai metter.

Porque ella, para ensinar
a caçar a seus filhinhos,
vivos lhe entregá os ratinhos
para n'elles se ensaiar:
e, se algum quer escapar,
a gata a elle se arroja,
e, se com elle se enoja,
lhe dá tão gram troquesada,
que cuidando não ser nada
uma gata é que se espoja.

De seu trato e seu contracto
tende, ratos, grande medo,
porque ha gato mais azedo
do que é rabo de gato:
não tenhais com elles trato
nem contendas, nem baralhas,
porque nas suas batalhas
tem na boca para as guerras,
duas fileiras de serras,
e nas unhas dez navalhas.

Tambem é cousa sabida,
e que a sabe toda a terra,
que nenhum rato na guerra
de gato foi gaticida,
e que sempre raticida
ser todo gato se achou;
e ao rato que apanhou
sem fazer processos largos,
nem replicas, nem embargos
á morte o sentenciou.

Que por fartos que estejais
não hade rato nenhum
dar punhada em gato algum,
e elle em vós muitas mortais:
e farto com ratos tais
ao sol se vai relamber;
porque sempre ouvi dizer
que farto se lambe o gato
depóis que ao triste rato
o fez faminto morrer.

Deixai-vos de noute estar
dentro nos vossos buracos,
porque ha ratos ladrões cacos
que de noute vem rondar.
De dia podeis livrar
das unhas e seus rigores,
vendo ao lônge suas côres;
mas porém de noute, não,
que de noute pardos são
ladrões, gatos e traidores.

Se vos faz ser confiados
o que disse do elephante
isso crê rato ignorante
e não ratos avisados:
que tais casos apertados
são só uma patarata;
porque elephantes não mata
quem é tão pouco valente
que anda fugindo da gente
e tem medo de uma gata.

Se por vêr-me um cego já
de mi não quereis fugir,
olhai, se o cego cahir,
que n'um bolo vos fará;
ou, quando não, se achará
por ser cousa verdadeira
que um gato vem de carreira
contra ratos descuidados
lá de cima dos telhados
por uma fresta gateira.

Que ninguém póde dizer,
na vida, que está seguro;
porque um perigo futuro
ninguém o póde saber.
Assim póde acontecer
donde menos se imagina
vir a um rato gram ruína;
por isso, antes de chegar,
vigiar e acautelar
é mui boa medicina.

Que de rato acautelado
nenhum gato se vingou;
mas do que se descuidou
qualquer se verá vingado.
Eu bem vos tenho avisado
por isso—guardar a pelle,
porque é muito nescio aquelle
que o contrario d'isto faz;
que onde quer o demo jaz
para haver de embicar n'ellê.

Que entre flôres escondido
anda o aspid rigoroso,
e um gato que é manhoso
em um canto está mettido:
e, vendo rato perdido,
logo dar-lhe morte trata;
porque todo rato ou rata
que da toca erra o caminho,
e quem se farta de vinho
vai dar na Serra de Gata.

E tambem alerta estai,
porque inda é viva a tijella;
e, pois podeis cahir n'ella,
em a vendo, vos guardai.
Dos gatos lições tomai,
e andareis muito acertados;
porque gatos escaldados
da agua fria medo tem,
que de escarmentados vem
fazerem-se os avisados.

Não queirais experimentar
a pena de Talião,
porque é justiça, e razão
o dar morte a quem matar:
por fim vos venho avisar,
e dizer ultimamente
que se mais com unha e dente
usares tão ruim trato,
que, com unha e dente, o gato
vos matará cruelmente.

Mas vós de tudo zombais
e murmurais mal dizentes,
tanto que até entre dentes
trazeis o que mais gostais:
mas por muito que façais
com vossa boca damnada,
com vossa unha malvada,
não hade vosso rigor
n'estas trovas boca pôr,
nem tão pouco dar-lhe unhada.

Porque eu as fiz na memoria,
sem tinta, penna e papel;
porque rato algum cruel
d'ellas não fizesse escoria:
mas por ter de vós victoria
agora as quiz trasladar,
pois se rato lhe chegar
a roer, ou a morder
logo a vida hade perder
porque são um resalgar.

Tambem n'ellas vos fallei
já em Latim onze vezes
que nos versos portuguezes
ser mui grande erro eu sei:
mas eu d'elle adrede usei;
porque o medico avisado
vendo um enfermo arriscado
diz como discreto emfim:
murietur em Latim
que não o entenda o coitado.

Mas mais facil de entender
é o latim mais escuro
do que um verso culto e duro
para quem o chega a lêr:
que tal modo de escrever
é um fallar sem conceito,
um fallar muito imperfeito
de ruins linguas um paio,
um fallar de papagaio
que dá gosto e não proveito.

Se n'estas trovas roí
com má boca, e com mão dente
a varia sorte de gente,
dos ratos eu o aprendi:
que sempre dizer ouvi
é muito bom parecer
que se frade algum tiver
com o ladrão amisade
que ou ladrão será o frade
ou o ladrão frade hade ser.

Ora, ratos, pois estamos
n'uma casa como amigos,
por evitarmos perigos,
entre nós pazes façamos:
os trapos também partamos,
e escusaremos baralhas;
e d'essas mais virtualhas
roei espinhos e ossos,
cascabulhos e carossos,
cascas, codeas e migalhas.

Que eu *sape* ao gato direi
e quebrarei a tigela
para não usar mais d'ella
e vosso amigo serei:
tambem ao gato porei
no pescoço um cascavel,
porque ouvindo seu tropel,
vós em cobro vos punhais;
e, porque em nada bolais,
farei do ladrão fiel.

Este concerto aceitai,
termina aqui nosso pleito;
ponha-se em silencio o feito,
guerras e brigas deixai:
de mão a demandas dai,
haja paz de banda a banda,
porque nos adagios anda
um que diz mui bem e certo
que é melhor ruim concerto
do que é boa demanda.

Que nem já queixar-me espero
de vós, nem de vossos tratos,
mas de uma rata e dous ratos
com razão queixar-me quero:
é um rato o tempo fero;
outro o mundo maldizente;
rata a fortuna inclemente
que estes me tem destruido,
estes me tem consumido
com seu venenoso dente.

Só a morte, rata fera,
para vêr-me mais penar
não acaba de chegar
pelo gosto que me déra.
Chega pois, tyranna austera
para ser minha homicida;
porém vem tão escondida
com que eu não te possa vêr,
porque o gosto de morrer
não me torne a dar a vida.

Se é furtado este conceito,
e alguns dos outros também,
não é muito furtar quem
a tanto rato está affeito:
mas furtar não é defeito,
conceito tão excellente;
e mais quando é tão patente
que hoje o conceito melhor
ou já o disse o orador,
ou o poeta antigamente.



LIVRARIA CHARDRON

CARMELITAS, 144

HELIODORO SALGADO

O culto da Immaculada,	
1 vol. br.	700
Nova Vida de Jesus (tr.)	No preço
S. Paulo (tr.).	»

JOÃO GRAVE

Os Famintos (Episodios	
da vida popular), 1 v.	500
A Eterna Mentira, 1 v.	600
O ultimo Fauno, 1 vol.	500

RODRIGUES DE FREITAS

Paginas Avulsas. . . .	No preço
------------------------	----------

GUERRA JUNQUEIRO

A velhice do Padre Eter-	
no, 1 vol.	1\$000
A victoria de França . .	100
Baptismo de amor . . .	200
Patria, 1 vol.	800
In memoriam, 1 gr. vol.	2\$000
Finis Patriæ	300
O crime	200
A lagrima	100
Oração ao pão	120
Oração á luz.	200

JOSÉ CALDAS

Historia de um Fogo-	
Morto, 1 vol.	1\$000
Os Humildes, 1 vol.. . .	400
Os Jesuitas; a sua in-	
fluencia na actual so-	
ciedade portugueza;	
meio de a conjurar, 1	
vol.	600

GERVASIO LOBATO

A comedia de Lisboa, 1	
vol..	600

JOSÉ SAMPAIO (BRUNO)

O Brazil Mental, 1 vol.	800
Notas do exilio, 1 vol. .	600
A Ideia de Deus, 1 vol.	800
Os modernos publicistas	
portuguezes, 1 vol. . .	800
Portugal e a guerra das	
nações	No preço

THOMAZ RIBEIRO

A Delfina do mal, 1 vol.	800
Dissonancias, 1 vol. . .	600
D. Jayme (Gr.), 1 vol. .	800
D. Jayme (Peq.), 1 vol. .	400
Sons que passam, 1 vol.	600
Vesperas, 1 vol.	1\$000
Thomaz Ribeiro e a sua	
obra	2\$000

FRANCISCO PALHA

Musa velha, 1 vol. . . .	600
--------------------------	-----

ANTHERO DE QUENTAL

Considerações sobre a	
philosophia	200
Odes modernas	400
Thesouro poetico da in-	
fancia	400
Oliveira Martins.	300
Sá de Miranda	200

ALBERTO BESSA

Ondeantes	200
Em plena festa	200

ALFREDO MESQUITA

De cara alegre, 1 vol. .	500
--------------------------	-----

ALBERTO BRAGA

Os confidentes, 1 vol. . .	400
Ceara alheia, 1 vol.. . .	400

DE LELLO & IRMÃO

PORTO

PAULO DE KOCK

O meu amigo Piffard . . .	500
Violeta, a ramalheteira . .	500
O filho de minha mulher . .	500
O amor passado e o amor futuro	500
Os sete bagos d'uva.	500
Jorgesinho	500
A creada	500
Gustavo o libertino	500
O campo das papoulas. . .	1\$000
Florentina	500
Paulo e o seu cão	500
O casal de Chamoureau . .	500
A viuva Tapin	500
Frederica	500
O papá sogro	500
O rapaz mysterioso da es- quina.	500
Um marido de quem se zomba	500
O menino Isidoro	500
Aleixo e Georgina	500
A menina Lisa	500
Um marido perdido.	500
A dama dos tres esparti- lhos	500
O neto de Cartouche	500
Scenas e quadros da vida parisiense	500
A verêda das ameixas. . .	500
O cherubim	500
A snr. ^a São Lamberto. . .	500
O porteiro da rua da Barca	500
Um namorado caloiro . . .	500
O burro do snr. Martinho. .	500
Benjamin Godichon	500
A menina das tres saias . .	500
O bandido Giovanni	900
Noiva de Fontenay das rosas.	500
Amores de duas irmãs. . .	500
Tres amigos do collegio . .	500
As mulheres independen- tes.	500
Um bom rapaz	500
As ligas da noiva	500
Uma mulher singular. . . .	500

PAULO FÉVAL

A senhora viscondessa . .	300
Os Jesuitas.	1\$000
Os tribunaes secretos . . .	3\$000
Paraizo das mulheres . . .	1\$000

PIERRE ZACCONE

Mamã Rocambole	500
Os prazeres do rei	200

PIGAULT-LEBRUN

A loucura hespanhola. . .	500
De menor para maior. . .	500
Um como tantos.	500
Tantas vezes vae o canta- ro á fonte	500
Um rapaz sem cuidados . .	500

PONSON DU TERRAIL

A justiça dos bohemios . .	1\$000
A mocidade de Henrique iv.	2\$500
A rainha das trincheiras. .	500
Memorias d'um gendarme . .	500
O pacto de sangue	2\$000
O rei dos bohemios.	1\$000
O sem-ventura	1\$200
Rocambole	15\$000
Segunda mocidade do rei Henrique	900

RUY DA CAMARA

Viagens a Marrocos.	1\$000
-----------------------------	--------

MAXIMIANO PERRIN

A mulher que se vende . .	500
Como uma mulher se per- de	500
O altar e o theatro	450
O estroina	500
Um marido infeliz	500

WENCESLAU AYGUALZ D'IZCO

A Maria hespanhola	1\$000
Marqueza de Bella-flôr . .	1\$000

